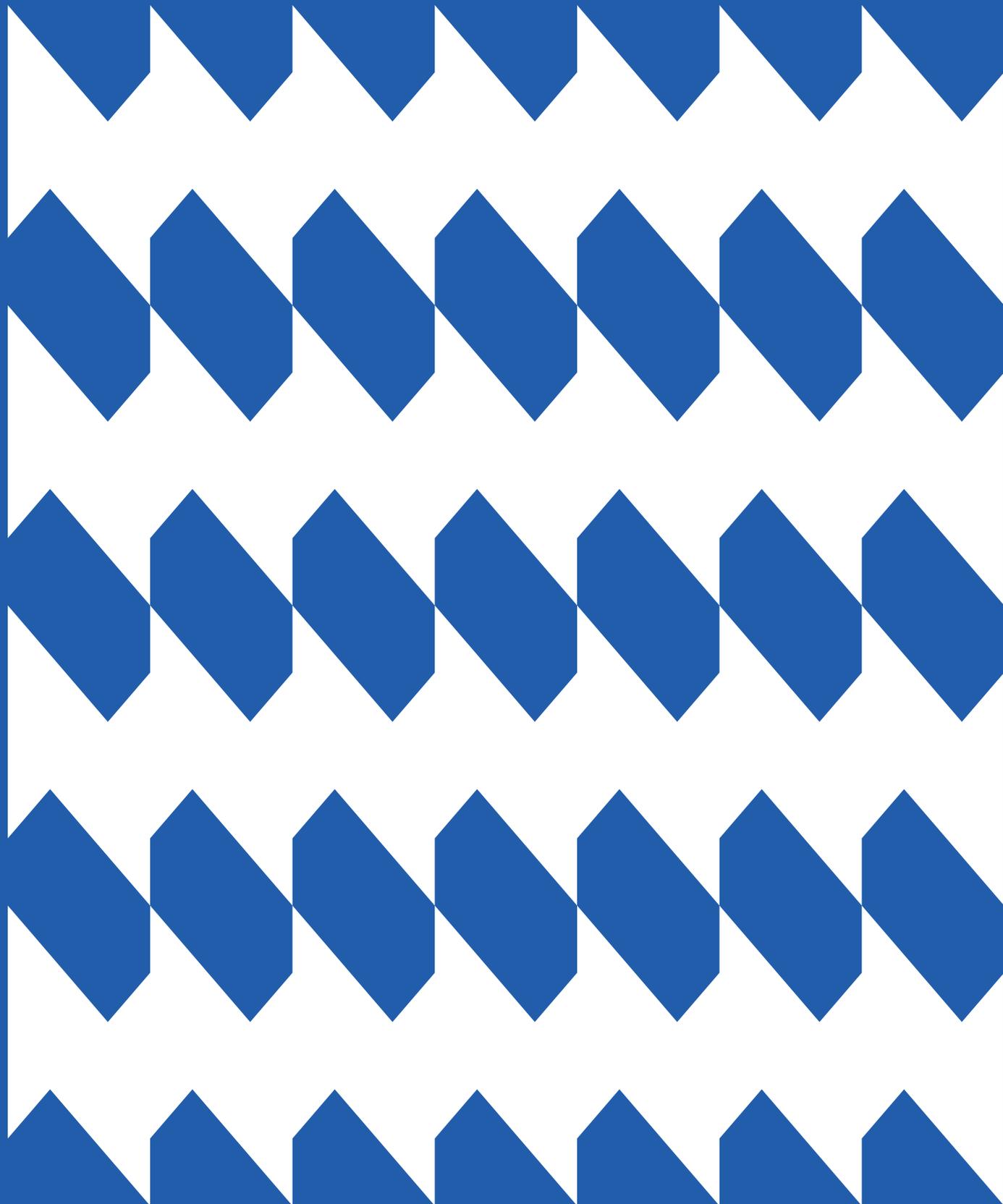


Bindi





B.

Bindi: cultura, democracia e direito

uma publicação oficial do insituto norberto bobbio

ano 1 • vol. 1

conselho editorial

Dr. **Alfonso Ruiz Miguel** Universidad Autónoma de Madrid - Madrid/Espanha; Dr. **Alfredo Attié Jr.** Universidade de São Paulo - USP - São Paulo/SP; Dr. **Assis Brandão** Universidade Federal de Pernambuco - UFPE - Recife/PE; Dr. **Celso Campilongo** Universidade de São Paulo - USP - São Paulo/SP; Dr. **Celso Lafer** Universidade de São Paulo - USP - São Paulo/SP; Dr. **César Mortari Barreira** Instituto Norberto Bobbio - São Paulo/SP; Dr. **Diego Dantas** Universidade Federal Fluminense - UFF - Niterói/RJ; Dr^a. **Elza Boiteux** Universidade de São Paulo - USP - São Paulo/SP; Dra. **Flávia Piovesan** Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP - São Paulo/SP; Dr. **Francesco Pallante** Universidade de Turim - Itália; Dr. **Giuseppe Tosi** Universidade Federal da Paraíba - UFPB - João Pessoa/PB; Dr. **José Alcebiades de Oliveira Júnior** URI - Santo Ângelo/RS; Dr. **José Dias** Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Toledo/PR; Dr. **Marcelo de Azevedo Granato** Instituto Norberto Bobbio - São Paulo/SP; Dr. **Marcio Renan Hamel** Universidade de Passo Fundo UPF - Passo Fundo/RS; Dr. **Michelangelo Bovero** - Universidade de Turim, Itália; Dr. **Rafael Salatini de Almeida** Universidade Estadual de São Paulo - UNESP - Marília/SP; Dr. **Roberto Bueno Pinto** Universidade Federal de Uberlândia - UFU - Uberlândia/MG; Dr. **Samuel Antonio Merbach de Oliveira** Universidade Paulista - UNIP - São Paulo/SP; Dra. **Silvia Pimentel** - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP - São Paulo/SP; Dr. **Tercio Sampaio Ferraz Júnior** - Universidade de São Paulo - USP - São Paulo/SP; Dra. **Valentina Pazè** Università degli Studi di Torino - Itália; Dr. **Willis Santiago Guerra Filho** Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ - Rio de Janeiro/RJ

autores desta edição

Dr. **José Dias** Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Toledo/PR; Dr. **Norberto Bobbio** In memoriam; Me. **Reginaldo César Pinheiro** Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - Cascavel/PR; Dr. **Philip Pettit** Universidade de Princeton - EUA

coordenação científica-editorial

Dr. Frederico Diehl ; Dr. César Mortari Barreira; Dr. Marcelo de Azevedo Granato; Ms. Lévio Scattolini; Ms. Carlos Raíces; Esp. Willians Meneses.

equipe editorial

Coordenação Científica-Editorial

Editores-chefes: Dr. César Mortari Barreira e Dr. Frederico Diehl

Editores-assistentes: Dr. Marcelo de Azevedo Granato, Ms. Lévio Scattolini, Ms. Carlos Raíces e Esp. Willians Meneses

Capa e Diagramação: Victoria Novais

Coordenação Editorial: Willians Meneses

Os colaboradores desta Revista gozam da mais ampla liberdade de opinião e de crítica, cabendo-lhes a responsabilidade das ideias e conceitos abordados em seus trabalhos.

Endereço: Avenida São Luiz, 50, Conjunto 22b República - São Paulo/SP - CEP: 01046-926 - Telefone +55 11 31297076

equipe inb

Presidente Celso de Souza Azzi

Vice-presidente Ary Oswaldo Mattos Filho

Diretor Executivo César Mortari Barreira

Diretor jurídico Marcelo Granato

Coord. Geral Lévio Scattolini Oscar Júnior

Secretário Guido Urizio

Pesquisadora Júlia Albergaria

Coord. Desenvolvimento Mateus Vellardi

Coord. de Comunicação Victoria Novais

Coord. de projetos Adriana Breda

Coord. editorial Willians Meneses

Gerente Financeira Luana Silva

Gerente Administrativa Kelly Cristina

Norberto Bobbio

tradução:
Suelen Najara
de Mello

Pesquisadora colaboradora
no Departamento de Letras
da Universidade Federal
de Viçosa (UFV) e Bolsista
da Embaixada Italiana no
programa Idiomas sem
Fronteiras, da Rede Andifes
IsF. Mestranda em Estudos da
Tradução na Universidade
Federal do Ceará (UFC).
Membro do grupo de pesquisa
PLIT-ILUFBA, docente UFBA
suelennajara@gmail.com

[ID Lattes: 4116793140702900](#)
[ORCID:0000-0002-7942-920X](#)

Revisão da tradução
Gesualdo Maffia e Erica
Salatini. Coordenação: Erica
Salatini, docente UFBA,
coordenadora do PLIT-
ILUFBA. Revisão técnica de
Rafael Salatini, professor de
Ciência Política na Unesp
(Campus de Marília).

tradução

uma carta do presidente Craxi

“Se Bobbio lesse o programa do PSI
(partido socialista italiano)”

una lettere del presidente Craxi

Publicados original e respectivamente nos jornais l'Avanti,
1985 e La Stampa, de 8 de fevereiro de 1985.

Palavras-chave

Reformismo, democracia,
programa partidário

Parole chiave

Riformismo, democrazia,
programmi di partito

resumo

Correspondência entre Norberto Bobbio e Bettino Craxi, publicada no jornal l'Avanti! a propósito do editorial de 8 de fevereiro de 1985 do La Stampa, Palavras na névoa, em que Bobbio reflete sobre as reformas nos programas dos partidos.

riassunto

Corrispondenza tra Norberto Bobbio e Bettino Craxi, pubblicata sul quotidiano l'Avanti! sull'editoriale dell'8 febbraio 1985 de La Stampa, Parole nella nebbia, in cui Bobbio riflette sulle riforme nei programmi dei partiti.

Caro Diretor,

Escrevo-lhe a respeito do artigo do Prof. Norberto Bobbio, intitulado “Palavras na Névoa”, que apareceu como editorial no [jornal italiano] *La Stampa*, no domingo 08 de fevereiro [de 1987].

O artigo em questão é, em sua maioria, dedicado à crítica ao programa socialista. Lendo-o cuidadosamente, parece bastante evidente que o Prof. Bobbio não leu de fato o documento programático que introduzirá o debate congressional do partido socialista, e, se não o leu, é, provavelmente, porque ele nem sequer sabia de sua existência. Refiro-me ao último documento programático aprovado pela liderança socialista em sua reunião de 30 de janeiro [de 1987] e publicado pelo [jornal italiano] *L'Avanti!* em sua edição dominical de 1º de fevereiro [de 1987].

Trata-se de um texto resumido de 70 páginas, dividido em uma introdução geral e 16 capítulos.

O texto traz como título: “Orientações Programáticas”, que são definidas como “Introdução à Discussão Programática”, e os 16 capítulos são dedicados aos seguintes assuntos: 1) Internacionalização da economia; 2) Integração comunitária; 3) Emprego; 4) Desenvolvimento do Sul [*Mezzogiorno*]; 5) Formação e Pesquisa; 6) Meio ambiente, natureza, patrimônio artístico; 7) A questão nuclear; 8) Infraestruturas, serviços, administração pública; 9) Sociedade assistida e luta contra a pobreza; 10) Saúde do cidadão; 11) Crescimento das ilegalidades; 12) Igualdade entre homens e mulheres; 13) As Instituições; 14) Cultura e Informação; 15) Justiça; 16) Pela paz e desenvolvimento no mundo internacional da Itália.

O documento em questão propunha-se e ainda se propõe a suscitar um debate sobre as linhas essenciais de reforma sobre as quais basear o programa socialista que, em sua versão final, será adotado pelo 44º Congresso Nacional do Partido Socialista Italiano, a ser realizado em Rimini na primeira semana de abril de [de 1987].

A leitura deste documento é obviamente necessária a qualquer pessoa que queira exercer sua crítica às características e horizontes do reformismo socialista moderno com alguma contribuição. Caso contrário, qualquer crítica se torna meramente um exercício abstrato e preconceituoso de pouca ou nenhuma utilidade. E isto vale também para o Prof. Bobbio, o qual, tenho certeza, tendo agora tomado conhecimento da existência de um documento

que é fruto de um trabalho colegial conduzido séria e metodicamente por cientistas, homens de cultura, especialistas, parlamentares, administradores e homens de governo, e que representa a soma e o resultado de muitas experiências, desejará dedicar-lhe um novo artigo baseado, desta vez, no conhecimento do que se queira analisar e criticar. Somente dessa forma as críticas e sugestões, que sejam filhas da objetividade, da cultura, da sabedoria e da reflexão, poderão ser acolhidas pelos socialistas com a mais viva e grata atenção. Agradeço-lhe pela publicação e lhe envio saudações cordiais.

Bettino Craxi

Secretário do PSI

Reformismo: Bobbio responde a Craxi “É ele quem não me lê”

Caro Diretor,

Fiquei surpreso com a repreensão do Sr. Craxi, porque, enquanto ele me acusa de não ter lido o documento programático, demonstra não ter lido meu artigo.

Esclareço que sou um leitor assíduo do [jornal italiano] *L'Avanti!*, do qual sou assinante há muito tempo. Nos últimos dias, li atentamente os documentos e escritos relativos ao próximo congresso, do qual, como muitos outros, espero ansiosamente os resultados que considero essenciais para o desenvolvimento e fortalecimento de uma esquerda democrática na Itália. Eu os li, ora concordando, ora discordando, com aquele espírito de liberdade que distingue o partido não dogmático e não sectário, do qual o Sr. Craxi é o secretário geral.

Mas ficou claro que meu artigo se referia ao documento publicado em um encarte do *L'Avanti!* de 4 de fevereiro [de 1987], intitulado *L'Italia che cambia e i compiti del riformismo* [A Itália que muda e as tarefas do reformismo]. Lá repeti, entre outras coisas, ideias que já havia exposto no relatório introdutório à conferência intitulada *Quale riformismo* [Qual reformismo], promovida pelo mesmo partido e realizada em Bolonha, de 22 a 24 de fevereiro de 1985. Este relatório, para aqueles que desejam lê-lo ou relê-lo,

foi publicado no *Mondoperaio*, o jornal oficial do partido¹, no número 5 do mesmo ano [1985] (pp. 64-72).

Não muito diferente do que escrevi no artigo, ainda que com maior força polêmica, dizia: “Há reforma e reforma. E do mesmo modo há reformismo e reformismo. Onde todos são reformistas, ninguém é reformista” (p. 69). E um pouco adiante: “O problema que enfrentamos é dar uma resposta não tanto à pergunta: ‘Qual reformismo?’, mas à pergunta sobre a qual se coloca em jogo não apenas a identidade, mas também o destino da esquerda: ‘Qual socialismo?’”.

Eu não espero que minhas ideias sejam aceitas. Contentar-me-ia se elas fossem hoje levadas em consideração, como há dois anos, também porque no novo artigo fiz mais algumas observações sobre a ideia de reformismo, dignas, me parece, de serem mais aprofundadas.

Agradeço-lhe por sua hospitalidade e cumprimento-lhe cordialmente,

Norberto Bobbio

PALAVRAS NA NÉVOA

As reformas nos programas dos partidos

Fala-se muito ultimamente sobre política das reformas. Quais reformas? É dito e não dito. “Reforma” é uma palavra mágica, que tem por si só uma conotação positiva. Uma reforma é sempre boa, ainda que não se saiba exatamente em que consista, ainda que permaneça obscuro qual seja o critério em que se baseia uma lei para ser chamada de lei de reforma e outra não. Dado que uma reforma é sempre boa, deveria ser descartada a possibilidade de que existam reformas ruins (ruim é sempre e somente a contrarreforma).

Contudo, aquelas boas para um grupo político, com frequência são ruins

1. Bobbio aqui se refere ao PSI (Partido Socialista Italiano). [Nota do revisor técnico].

2. Bobbio aqui aparentemente se equivoca e se refere ao texto “I comunisti e le riforme” [Os comunistas e as reformas] (de autoria de Luciano Cafagna), querendo se referir ao livro editado por Renato Mieli, *Il PCI allo specchio: Venticinque anni di storia del comunismo italiano* [O PCI no espelho: Vinte e cinco anos de história do comunismo italiano]. Milão: Rizzoli, 1983, no qual o referido texto se encontra nas páginas 610-615. [Nota do revisor técnico].

para outro; aquelas que parecem boas no momento em que são implementadas, podem parecer ruins um ano depois. Nesse caso deve haver um critério não apenas para distinguir a reforma da não-reforma, mas também para contrapor a boa da má reforma. Reformar significa não apenas mudar, mas mudar para melhor. Mas ao menos para aqueles que promovem a mudança, em que consiste esse “melhor” que faz de uma mudança uma boa mudança?

Apesar da obviedade dessas perguntas, nossa curiosidade permanece quase sempre insaciada. Aconteceu-me de participar dias atrás de um debate sobre um livro intitulado *I comunisti e le riforme* [Os comunistas e as reformas]²: todos concordaram em afirmar que o Partido Comunista Italiano tinha se tornado um partido reformista, ou melhor, um partido reformador. Mas nem uma única palavra foi dita, não por culpa dos autores, mas pelo hábito de acreditar que todos saibam o que é uma reforma, sobre quais seriam as propostas de mudança que teriam transformado esse partido em um partido reformador.

O mesmo não pode ser dito sobre o Documento que o Partido Socialista apresenta como base para discussão no próximo congresso, mesmo que a definição de reformismo, que se encontra nas últimas linhas, teria sido mais apropriada se colocada no preâmbulo. Li todas aquelas páginas em que a palavra “reforma” e seus derivados recorrem a cada três ou quatro linhas, pensando comigo mesmo, ansiosamente: “Mas finalmente saberemos o que é este reformismo?” Sim, ao fim se lê: “O objetivo do reformismo é a modernização, o desenvolvimento equitativo dos recursos do país, a ampliação dos espaços de liberdade para cada cidadão, a difusão do bem-estar, da educação, da cultura”. Melhor do que nada.

Deixo de lado o conceito de modernização, que se presta às mais diversas interpretações, e diferentemente de reforma, não tem uma conotação necessariamente positiva: uma tribo de canibais, que se ponha a comer suas vítimas com faca e garfo, como se questionava aquele tipo, é porventura mais moderna?

Chego às outras conotações, menos discutíveis. Elas evocam os três principais valores que deveriam sustentar qualquer governo democrático: a liberdade individual, a equidade e o bem-estar. Se não está correto, também não se pode esperar muito de um documento de orientação, que é genérico.

Ampliar os espaços de liberdade, tudo bem. Mas quais devem ser ampliados e quais devem ser reduzidos, é aqui que a dificuldade começa. A eutanásia ativa, com a qual se permite ao doente ou a quem o assiste de apressar a morte, certamente amplia o espaço de liberdade. Mas é um progresso? Com relação ao “desenvolvimento equitativo dos recursos”, uma expressão por si só bastante ambígua, as questões que levanta são

ainda mais numerosas e inquietantes, sem mencionar o fato de que no programa de um partido socialista se esperaria ouvir falar de “distribuição mais justa” em vez de “desenvolvimento”: a respeito do problema da política energética, qual das duas soluções opostas, aquela favorável às centrais nucleares e a contra, se enquadra mais facilmente no conceito de “desenvolvimento equitativo”?

Se por “desenvolvimento equitativo” se entende desenvolvimento equilibrado, não será porventura mais justa a primeira? Não pretendo rejeitar a solução para a qual a liderança do partido parece agora orientada, mas apenas mostrar como é difícil combinar grandes declarações de princípio com soluções que são dadas, caso a caso, para problemas concretos. Finalmente, com respeito ao último objetivo, referido como “a difusão do bem-estar, da educação, da cultura”, desafio-me a encontrar uma única pessoa que esteja disposta a ser chamada de inimiga do reformismo, o que significaria um amigo do mal-estar, da ignorância e da incultura.

Mesmo assumindo que esses objetivos são aceitáveis e os critérios invocados para defini-los como legítimos, são os únicos? Não há outros? O mesmo documento apresenta, como é bem conhecido, algumas propostas de alteração da Constituição, que assim vêm a tornar-se parte do programa reformista, aliás, são elevadas à dignidade de Grande Reforma. A qual dos critérios indicados corresponde a reforma constitucional? Nem a república presidencial, nem a cláusula de barreira aumentam os espaços de liberdade (esta última certamente os diminui). Eles têm algo a ver com o desenvolvimento equitativo dos recursos? Em que sentido eles dizem respeito ao bem-estar da nação? Deve-se inferir daí que a Grande Reforma, que é então a única proposta inovadora em todo o documento, não é uma proposta reformista?

Não, outra resposta é possível: entendida a reforma como mudança para melhor, não é dito que não haja outros critérios para julgar o que é melhor. Descartada a hipótese de que a ideia de uma república presidencial nasceu apenas para elevar [Bettino] Craxi à presidência da República, hipótese que até ontem poderia parecer maldade de [Eugenio] Scalfari³, mas hoje, após a entrevista de [Claudio] Martelli⁴ ao *Corriere della Sera*, torna-se plausível –, o critério que inspira geralmente propostas

3. Jornalista, escritor e político italiano. [NRT]

4. Político italiano. [NRT]

de reforma constitucional é o da eficiência. Um critério que não se pode negligenciar de modo algum. Entretanto, é bem sabido que quanto mais aumentam os critérios, mais aumentam as dificuldades. Como todos sabem, os fins, através dos quais os diferentes critérios são medidos, são muitas vezes incompatíveis. O fim da maior liberdade choça com o fim de uma maior igualdade. O fim da eficiência choça com ambos.

O significado de reforma era muito mais claro quando seu oposto era a revolução. A distinção dizia respeito não ao conteúdo, mas ao método, não às coisas a serem feitas, mas a maneira de fazê-las. Agora que, pelo menos nos países democráticos ocidentais, os movimentos revolucionários quase desapareceram ou se tornaram cada vez menos relevantes politicamente, e os partidos que contam ou têm a pretensão de contar estão competindo para ver quem é mais reformista, torna-se cada vez mais indispensável definir bem o programa, que, no caso de um partido socialista, deveria ser, na opinião do senhor de Lapalisse, que eu compartilho, um programa socialista.

Posso estar enganado (já me enganei muitas vezes!), mas não acredito que hoje com a palavra de ordem do reformismo um partido possa ir muito longe. A única reforma que eu gostaria de ver incluída no programa de todos os partidos italianos, é a reforma dos costumes. Neste caso, estou muito certo de que não me engano, embora esteja igualmente seguro de que alguém poderia me acusar de ser um inimigo da “modernização”.